

## Atlântico Negro - Na rota dos Orixás

### Resenha critica:

O filme etnográfico é um importante marco na história da Pesquisa antropológica, utilizado para o registro fílmico de culturas e sociedades estudadas ele mostra seu contato com o cinema. A voz de “Deus” é uma presença marcante durante todo o filme. Ela informa e esclarece a relação entre o continente africano e o Brasil: tenta mostrar a “África” que existe aqui por meio das expressões culturais e religiosas; fala da história dos grandes reinos e das tradições do continente africano. Essa é uma característica fundamental desse tipo de representação, na qual a voz desse narrador enfatiza a impressão de objetividade, já que o argumento é feito de maneira sucinta em forma de palavras.

É possível perceber uma voz-over com outra voz, a voz do especialista, visto que além da narração, sempre após as entrevistas, a voz do Outro, há a voz de um antropólogo, sociólogo ou historiador, que confirma ou complementa as informações dadas por sacerdotes, sacerdotisas e praticantes da religião. Esse mecanismo utilizado, talvez com o objetivo de facilitar a compreensão do filme, demonstra as relações de poder a que estão submetidas a voz e a representação de grupos marginalizados

Por meio da cronologia, a voz-over tentar reconstruir a história de povos africanos no continente africano, sua vinda forçada para Brasil e a preservação de vínculos com a terra de origem. Vínculos que unem as religiões afro-brasileiras com sua matriz africana, no caso específico do filme o tambor-de-mina no Maranhão com seu culto. E também as semelhanças entre manifestações da cultura brasileira e a dos agudás, brasileiros descendentes do poderoso traficante de escravos, Francisco Félix de Souza, mais conhecido como “Xaxá” e de negros escravizados que conseguiram retornar à África. É possível observar uma constante referência ao mar, seja na narração ou nas imagens desse “Atlântico Negro”, que levou milhões de africanos à diáspora, mas que é também a ligação entre o Brasil e o continente africano, principalmente por meio da religiosidade. O cineasta enfatiza de varias formas a figura de Iemanjá, divindade do culto aos orixás, considerada a grande mãe e rainha do Atlântico, adorada tanto no Brasil, como no Golfo do Benin.

Na cena em que o diretor do filme leva um presente do sacerdote Avimanjé, do Benin para Pai Euclides, da Casa Fanti Ashanti, no Maranhão, a voz do documentário reitera o objetivo inicial do documentário, ser um elo de comunicação entre Brasil e África. Vale ressaltar, porém, que a explicação e até mesmo repetição do argumento na voz-over durante todo o filme, reduzem aspectos significativos desse documentário ao didatismo, assim como a fala dos especialistas, uma estratégia de legitimar o que falam as “pessoas comuns”.

A análise de discursos simbólicos, neste caso, dos processos de representações das religiões afro-brasileiras no cinema mostra-se relevante diante do papel que os conteúdos e as narrativas midiáticas desempenham na sociedade contemporânea como matriz cultural para a produção de espaço intimo e para as estratégias de legitimação na esfera social.